

## **Todo Poder aos Sóvietes! Digo, aos Setoriais.**

O DCE goza de legitimidade institucional, garantida pelas resoluções do Conselho Universitário. Oficialmente representa todos os estudantes da universidade perante a administração da universidade.

Para isso deve participar das instâncias decisórias da universidade. Mais do que justo direito reclamado pelos estudantes, essa participação garante uma falsa participação discente nos conselhos, plenárias e comissões, eximindo a administração da culpa de seu verdadeiro caráter antidemocrático.

A aristocracia acadêmica irá defender, eloqüentemente, a democracia dentro da universidade enquanto durar seus 70% de participação dentro das comissões, conselhos e outros espaços decisórios e executivos.

Participar com 1/5 ou 15% das comissões nada mais é que legitimar, por mais desacordo que se possa ter, as políticas dessa aristocracia.

A representatividade efetiva, proporcional ao universo de atuantes dentro da academia ou mesmo a paridade entre as categorias (alunos, servidores e professores) jamais será aceita pelos que atualmente gozam de poderes.

Jamais teremos avanço para transformar nossa universidade naquilo que defendemos ou sequer impedir o retrocesso somente atuando por dentro de sua lógica criada para manter o privilégio de alguns.

Ao DCE oficial cabe apenas essa função. Isso é o que pensam os falsos democratas.

Para nós não é o suficiente.

Nosso DCE deve ser subversivo, capaz de defender um projeto alternativo de universidade.

Para pô-lo em prática não será o suficiente colocar o projeto em votação na falsa democracia do conselho universitário. Deveremos atuar por fora da mera institucionalidade para sermos capazes de atacar a lógica imposta.

Esta não é tarefa menor que uma diretoria consegue pôr em prática, por mais alto que gritemos ou por mais dias que ocupemos a reitoria.

É necessário grande apoio dos estudantes, e além, dos servidores e professores. Milhares ao invés de centenas.

Para isso é necessário atividade direta junto aos estudantes para que se faça saber e defender um projeto alternativo de universidade.

Portanto, devemos ter como primeira prioridade os espaços de contato direto com os estudantes e não as reuniões de diretoria, conselhos e comissões (o que não significa negar esses espaços).

O que nos força à uma organização superior do que temos hoje.

## **Tá, e o que temos a ver com Sóvietes?**

Em 1905, a Rússia obteve suas primeiras vitórias rumo à revolução socialista de 1917. A maior vitória da classe trabalhadora, para além dos avanços econômicos (diminuição de jornada de trabalho e algumas outras concessões), foi a sua experiência de auto-organização política, autônoma, classista. Os soviets.

Os soviets eram conselhos eleitos diretamente nas fábricas, no campo, nos quartéis, ou seja, não eram meramente representantes, mas os próprios trabalhadores. Essa organização não tinha qualquer tipo de ligação com governo ou patrão, surgindo legitimamente do seio da classe trabalhadora, que tratou de fazer o embate com seus inimigos de classe.

Constituíram-se como poder paralelo às instituições, não respeitando as limitações burocráticas próprias desses espaços, eram ao mesmo tempo seu próprio poder

judiciário, legislativo e, principalmente, executivo.

Só eles conheciam seus problemas, somente eles poderiam resolvê-los.

O que testemunhamos ano passado foi um DCE, o CEB, CA's e DA's e seus espaços totalmente burocratizados. Atuando somente entre as direções do ME e fazendo acordos com a administração da universidade.

Fruto disso foi a pouca atuação em relação aos estudantes não militantes, que precisavam travar contato com a discussão do REUNI. O setor combativo do ME teve que tomar as rédeas da situação: Fazer a discussão e partir pra ação independentemente das direções burocratas.

Ganhou as eleições a chapa combativa, do diálogo e que não ousa deixar de sonhar. Por sermos a gestão do diálogo precisamos de uma organização que propicie isso, pra que um dia não tenhamos a direção e a base, mas um corpo vivo de estudantes que construam sua própria história.

O que propomos é uma organização baseada nos soviets, comunas e na própria experiência do movimento estudantil em 2007.

*“Para Todos Todo Nada Para Nosotros “*

## **Divisão de tarefas:**

A maior responsabilidade e espaço de atuação devem pesar sobre os setoriais, pois é mais atrativo aos estudantes “não-militantes” participar nas atividades que estão mais próximas do seu cotidiano.

**As diretorias dos setoriais** têm o dever de travar contato direto aos estudantes. Para isso, deverão fazer reuniões semanais, abertas, nos locais de estudo a que compete seu setor. Deverão constituir-se como verdadeiros núcleos autônomos de trabalho, ou seja, estudar, propor e encaminhar a luta com autonomia, não precisando esperar outros espaços, como reuniões do pleno da diretoria. Seu limite é não ferir as bandeiras definidas anteriormente pelo Pleno.

Alguns pontos importantes:

- Autonomia de ação não significa isolamento do resto. Trabalhar em conjunto deve ser um esforço de auto-organização.

- Deve ser parte do esforço da diretoria atrair mais companheiros e companheiras para a luta. Para isso é importante a atuação por dentro do universo do estudante, coisas que ferem a própria carne são mais importantes para as pessoas do que as discussões que são feitas no pré-dinho do DCE lá no centro por um bando de pessoas estranhas.

- A divisão não deve ser mecânica, se for necessário, um setor pode ter dois núcleos diferentes ou dois setores podem se unir em um núcleo só, o melhor critério deve ser o que melhor funciona concretamente.

Quais seriam as responsabilidades dos Conselhos Estudantis Setoriais?

I – Construir um estreito diálogo com o DCE, inclusive enviando representantes do setor nas reuniões da direção do DCE.

II – Construir atividades setoriais, integrando @s estudantes dos diferentes cursos.

III – Construir o Jornal do setor (Divulgando as atividades e lutas de toda a universidade e as específicas do setor e o que mais for levantado como demanda pelo coletivo d@s estudantes.

Esses Conselhos estudantis setoriais devem ter facilitadores da direção do DCE,mas deverá ser composto por tod@s que queiram construir COLETIVAMENTE e que defendam uma educação, uma ciência e uma cultura emancipatória.

**As Coordenações** (Conselhos; Setoriais; Finanças; Secretaria; Comunicação, Cultura e Jogos; Ensino, Pesquisa, Extensão e Formação Política) devem se reunir de acordo com as suas demandas, imaginamos que uma vez por semana seja o mínimo.

- Devem se reunir o coordenador ou coordenadora geral com toda a diretoria da coordenação.

- cremos que seja inviável para a Coordenação de Setoriais reunir-se ao todo devido ao grande número de membros, sugerimos que se reúnam a Coordenadora Geral e um representante de cada núcleo ativo, com o objetivo de fazerem seus informes e unificar o que for preciso entre os núcleos.

- Coordenadoras e Coordenadores Gerais deverão reunir-se semanalmente para que toda a estrutura funcione coesa e coerentemente.

**O Pleno** deve reunir-se em espaços de tempo maiores, para decidir questões de fundo e encaminhativas mais amplas. É o espaço deliberativo maior dentro de nossa gestão, de onde sairão as diretrizes principais de atuação da gestão. Os núcleos, coordenações e membros da gestão não devem contrariar, em suas ações, as decisões tomadas pelo pleno.

*-Participam todos e todas que constam na diretoria e quem mais se aproximar concretamente ao longo do processo.*

Essa é uma estrutura mais avançada do que a de fazer reunião de todo mundo para decidir tudo e é necessário muito mais disciplina e comprometimento dos lutadores e das lutadoras. Mas para que possamos avançar cada vez mais dentro da luta temos de superar nossas atuais formas de organização e ao mesmo tempo, não cair em erros históricos como o de burocratização.

Nossos inimigos são extremamente organizados. Não dormem. Temos de fazer à altura.

“Me organizando posso desorganizar” !  
Maurício Tragtenberg da Silva, Bakunin e Grouxo Marx